

3 JUL 1983

ESTADO DE SÃO PAULO

# No Congresso, poucos problemas

Da sucursal de  
BRASILIA

Dos 548 deputados federais e senadores, apenas oito sofreram intervenções cirúrgicas para implantação de pontes de safena nos últimos três anos, contrastando com o expressivo contingente de representantes do Executivo que se submeteram a operações desse tipo. Apesar dos momentos de tensão vividos pelo Legislativo nos momentos de crise, os parlamentares raramente sofrem de hipertensão e poucos são os casos de acidentes cardiovasculares entre eles.

Essa baixa incidência não impediu, no entanto, que dois senadores — no início do primeiro mandato — fossem vitimados por acidentes vasculares nos últimos cinco anos. Mas os índices significativamente menores que os verificados entre integrantes do Poder Executivo talvez se expliquem pela própria formação e maneira de agir dos parlamentares, mais flexíveis na absorção de críticas e com a possibilidade de devolver as acusações da tribuna, com as palavras que julgarem mais convenientes.

Flexibilidade que não tem o coronel da reserva Jarbas Passarinho, senador durante 16 anos e mesmo assim acometido de seguidas crises de hipertensão nos dois últimos anos como congressista. Na presidência do Senado, ele assumia como críticas pessoais as dirigidas à sua administração e acabou rompendo pessoalmente com o senador Dirceu Cardoso (PMDB-ES), que o irritava com a obstinada obstrução que realizou no plenário durante aquele período.

Se depender da presteza no atendimento e de recursos médico-hospitalares, os deputados e senadores têm acentuadas possibilidades de recuperação caso sofram enfartes, crises hipertensivas e determinadas modalidades menos graves de acidente vascular-cerebral, segundo opinião generalizada dos médicos que trabalham no Congresso.

O nível de sofisticação dos equipamentos disponíveis para um atendimento de emergência é elevado, dispondo os parlamentares de desfibrilador, aparelho utilizado para recuperação de enfartados, oxigênio, sala para cirurgias e toda uma variedade de aparelhos de primeira linha, além de equipes médicas permanentemente de prontidão. No caso da Câmara dos Deputados, seu serviço médico permanece fechado apenas 18 horas em todo o ano, correspondendo a parte dos dias de Natal e Ano Novo.

Contudo, nem sempre esses cuidados têm sido suficientes para impedir desfechos fatais, como aconteceu com o senador Dirceu Arcoverde, do PDS do Piauí, que se sentiu mal em plena tribuna, ao terminar seu discurso de estréia no Senado, e, apesar do pronto atendimento e da remoção imediata para a unidade de terapia de um dos mais bem equipados hospitais de Brasília, dias depois morreu vitimado por um acidente vascular-cerebral.

Um dos mais jovens senadores — João Bosco, do PDS do Amazonas — sentiu-se mal em sua residência e também morreu pouco depois. Como medida cautelar, o serviço médico do Senado decidiu manter um médico e um enfermeiro permanentemente de plantão junto ao plenário, quando da realização das sessões, providência que alguns médicos entendem ser mais de natureza psicológica, pois os serviços para atendimento de emergência estão situados a não mais de 200 metros de distância.

Tanto no Senado quanto na Câmara, a hipertensão tem respondido pela maioria dos atendimentos de emergência, geralmente limitados à medição e repouso em salas especiais. Para um dos médicos da Câmara, "o universo dos parlamentares assemelha-se até certo ponto ao dos executivos, pois ambos estão permanentemente submetidos a elevados níveis de tensão emocional".

O ex-senador Jarbas Passarinho, cultor das caminhadas e das partidas de vôlei, em diferentes oportunidades teve a pressão arterial elevada, invariavelmente em consequência da tensão emocional provocada por debates mais ásperos e pela obstinada resistência do ex-senador Dirceu Cardoso (PMDB-ES), que conseguiu, sozinho, praticamente impedir que o Senado aprovasse empréstimos destinados aos Estados, durante os anos de 1981 e 1982.

Quanto à implantação de pontes de safena para corrigir a obstrução das artérias, o Congresso apresenta índices modestos, se comparados ao Executivo. No Senado, de seus 69 integrantes, apenas Helvídio Nunes, do PDS do Piauí. E na Câmara são conhecidos apenas Walmor de Lúca (PMDB-SC), Fernando Lyra (PMDB-PE), Olivir Gabbardo, Chagas Vasconcelos, Bento Gonçalves, Alencar Furtado e Renato Azevedo — para 479 deputados.

Proporcionalmente, a equipe de ministros do presidente Figueiredo desfruta de liderança indesejável nessa categoria, por intermédio de Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica, Walter Pires, do Exército, e Hélio Beltrão, da Previdência e ainda da Desburocratização, elenco que poderá ser ampliado com o ingresso do próprio presidente João Figueiredo, dependendo do resultado dos exames a que se submeterá em Cleveland, este mês. Coincidência: todos os ministros foram operados do coração depois de terem chegado a suas atuais funções e, também, sem nenhuma exceção, naquela mesma cidade norte-americana.